

O enigma da carne de gaivota

Dante é meu nome. Preciso que não se esqueça disso. Mesmo quando chegar à metade desta história, quando souber o que aconteceu e concluir que sou um filho da puta, um monstro sem coração, preciso que não se esqueça: meu nome é Dante e eu era um cara legal. Você provavelmente quer saber como tudo começou. Se não for o tipo de pessoa que se impressiona à toa, posso te contar os detalhes.

Hoje, tentando resgatar a origem do caos, vejo que não é tão fácil. Com o tempo, a gente perde mesmo a noção das coisas: o que estamos fazendo, por que motivo, onde e quando a merda teve início. Em 2010, eu era só um moleque de uma cidadezinha do Paraná, famosa pelo turismo religioso, sem um tostão no bolso, cheio de sonhos, recém-aprovado numa faculdade do Rio de Janeiro. Depois de dois anos enfurnado num curso preparatório para o Enem, a oportunidade de mudar de ares e dividir um apartamento na cidade grande com meus três melhores amigos de infância, também aprovados, soava como o paraíso. Eu, Miguel, Victor Hugo e Leitão bebemos muito, rimos e comemoramos quase todos os dias antes da mudança. Era o melhor momento das nossas vidas.

Mas isso não interessa. Talvez o começo do caos não esteja em 2010, na nossa chegada ao Rio, e sim anos depois, quando já estávamos estabelecidos e tínhamos terminado a faculdade. Uma noite em especial

cisma de voltar à minha mente. Era março de 2015, nós ainda morávamos juntos, o calor carioca havia diminuído e subia uma brisa gostosa do mar de Copacabana. Como eu estava de folga na livraria, propus sair para comer pizza e beber cerveja. Todos aceitaram, até o Miguel, que nem fez cara feia. Sentamos no bar Inhangá, um boteco a duas quadras de casa, com cerveja barata e pizza razoável. O Hugo era formado em gastronomia e, com aquele seu jeito esnobe, odiava que a maioria das pizzarias no Rio tivesse sabores como cachorro-quente, estrogonofe, batata frita e brownie. O Inhangá era diferente: só tinha pizza de marguerita.

A gente já estava lá pela décima garrafa de cerveja e eu divagava sem prestar atenção em nada quando algo me fez lembrar do enigma da carne de gaivota. Gosto de problemas matemáticos, desafios lógicos, revistinhas de sudoku e jogos de palavras. Escutei esse enigma pela primeira vez de um professor da faculdade no sexto semestre, mas ele ainda continuava na minha cabeça. Naquela noite, decidi contá-lo aos meus amigos: «Um sujeito estava andando pela rua quando deparou com um restaurante que vendia carne de gaivota. Pediu a carne, comeu, foi para casa e se matou. Por quê?»

Eles tinham que fazer perguntas para tentar entender o que havia acontecido, e eu só podia responder «sim», «não» ou «irrelevante». Acho que todo mundo já jogou algo parecido. Por exemplo: o sujeito já pretendia se matar antes de comer a carne? Não. Ele pediu esse prato porque achava gostoso? Sim. Ele já tinha ido àquele restaurante? Irrelevante. Ele conhecia a gaivota usada no prato? Não. A carne de gaivota fez o sujeito se lembrar de algo do passado dele? Sim. E foi por isso que ele se matou? Sim.

Gastamos horas naquilo; bebendo e perguntando. Sim, não e irrelevante. Depois de muito tempo, você descobre que o sujeito é viúvo; que a mulher dele morreu em um acidente de avião; que ele também estava na aeronave na hora do acidente; que os sobreviventes foram parar numa ilha deserta sem comida; que o corpo da mulher desapareceu na queda; que os sobreviventes ofereceram carne de gaivota ao sujeito; que ele comeu e gostou; que ele sobreviveu até o resgate comendo

carne de gaivota, e por isso decidiu provar a do restaurante; e que, ao provar, ele percebeu que o que tinha comido na ilha anos antes não era carne de gaivota, mas a carne da própria mulher.

Até hoje, esse enigma exerce grande fascínio sobre mim. Nessa história, o que não sai da minha cabeça não é a morte da mulher do sujeito, nem o fato de ele ter jantado a coitada achando que era carne de gaivota, nem de ter se matado por isso. O que me fascina é que o marido comeu carne humana sem saber. E mais: gostou.

Classificados

Em fevereiro de 2010, a poucos dias do Carnaval, cheguei ao Rio de Janeiro acompanhado de Miguel e minha mãe, Hilda. Ela fazia questão de ajudar a escolher o lugar onde eu moraria com meus amigos. Queria continuar a exercer algum controle sobre mim a todo custo — era difícil aceitar que eu tinha crescido e viveria em outra cidade, a milhares de quilômetros de suas garras. Ao menos nesse início, eu tinha que engolir, porque precisava de ajuda financeira.

Nos hospedamos no quarto triplo de um hotel barato em Copacabana, compramos jornais e começamos a rabiscar. Naquele tempo, ainda se viam os classificados nos jornais impressos, que tinham um padrão: se o anúncio dizia «área ampla» significava que quarto de empregada e cozinha ocupavam o mesmo espaço; «benfeitorias» ou «reformadíssimo» significava que o imóvel cairia aos pedaços sem uma ajeitada básica antes; «vista para o verde» queria dizer «de frente para a favela». Adjetivos indicavam desespero: «sensacional», «maravilhoso» e «deslumbrante» eram os mais comuns. Mostravam que o apartamento estava vazio havia meses.

Era incrível a quantidade de imóveis velhos, decrepitos, fedidos e quase contaminados que as pessoas ofereciam para alugar. Em quatro dias na cidade, visitamos muquifos inimagináveis. E lugares decentes

com *preços* inimagináveis. Enquanto os blocos de Carnaval lotavam as ruas de alegria e barulho, nós murchávamos de desgosto. Morar na Zona Sul do Rio de Janeiro era como morar num castelo europeu ou num resort nos lagos andinos: estava fora da nossa realidade.

Pouco antes da data marcada para a volta, visitamos o penúltimo apartamento da lista. O corretor chegou ao prédio quinze minutos depois do combinado — eu ainda não havia descoberto que, para os cariocas, quinze minutos não caracteriza atraso, mas uma demora razoável. Ele se chamava Heitor e era um gordinho careca com jeito de boneco de ventríloquo: ombros firmes sobre a coluna ereta, cabeça girando de modo robótico para a esquerda e para a direita. Abriu um sorriso falso, desculpando-se pela demora, e retirou um lenço encardido do bolso para enxugar a testa. Depois da conversa de praxe, tomamos o elevador até o sétimo piso.

O prédio era daqueles antigos, com um único apartamento por andar, de quatro quartos. Ao entrar na sala, tive que conter a surpresa. Logo me lembrei de uma reportagem que eu havia lido dias antes em uma revista sobre japoneses que moravam em gavetas de cinco metros quadrados em Tóquio. Pobres asiáticos. Aquela sala era o exato oposto: tinha espaço sobrando, com uma imponente mesa de tampo de vidro escuro e dez cadeiras; quadros de arte contemporânea tão bonitos quanto confusos nas paredes, um sofá seminovo bem confortável e uma televisão de tela plana na antessala. Mecanicamente, Heitor abriu portas e fez elogios aos armários embutidos e à boa localização do imóvel. Falava sem parar: taco de madeira, sistema elétrico novo, sol da manhã na sala e da tarde nos quartos.

«Tem uma favela na altura do posto um e outra na altura do seis, controladas por facções inimigas», disse. «Estamos no posto três, uma zona cinzenta. É bom porque nenhuma das duas facções assalta nessa área, pra não arranjar conflito com a outra.»

Basicamente, ele estava dizendo que o apartamento ficava na faixa de Gaza carioca, e que isso era uma vantagem. Ignorando a lógica absurda, fui conhecer um dos quartos. Tinha até pilastras. Mesmo com a cama e as mesas de cabeceira, dava para dançar, pular loucamente e empilhar japoneses ali.

— O que achou? — perguntei a Miguel, enquanto minha mãe tagarelava com o corretor em outro cômodo.

— Deve custar uma fortuna — ele disse, maravilhado.

Rimos da nossa desgraça. Aos dezenove anos é normal querer salvar o mundo, se sentir perdido na vida e ter que contar o dinheiro para pagar uma garrafa de cerveja — tudo isso ao mesmo tempo. Aquele lugar não era para nós, com sua sala enorme e seus quartos magníficos. Por mais que fosse doloroso saber que meu castelinho de areia seria destruído pelo corretor, continuei a sonhar. Abri uma das janelas da sala, voltada para a copa das árvores, e respirei fundo. Lá embaixo, formiguinhas humanas zanzavam pelas ruas, micro-ônibus expeliam gás carbônico e ambulantes ocupavam as calçadas. Logo o boneco de ventríloquo se aproximou, com jeito de quem não quer nada, mas na verdade quer muita coisa.

— Vocês são de onde?

— Pingo d'Água — respondi. — Uma cidadezinha no Paraná.

— Perto de Curitiba?

— Não, fica mais pra Foz do Iguaçu. Mas é o fim do mundo.

— Os três vão morar aqui?

— Eu só vim ajudar — minha mãe se intrometeu. — São quatro amigos de infância, vão fazer faculdade no Rio.

— Quatro jovens? — Heitor perguntou, esticando o pescoço.

Seus olhinhos opacos me encararam brevemente, antes que ele voltasse a passar o lenço pela testa encharcada de suor.

— É um grupo súper do bem, o senhor pode confiar. Sou a mãe deste aqui.

Ela apontou para mim como quem escolhe um sapato numa vitrine. Eu odiava fazer parte do clichê jovem-que-abandona-o-interior-para-ganhar-a-vida-na-metrópole. O ventríloquo simulou simpatia:

— Vai estudar o quê?

— Administração na UERJ.

— Ah, que bom — ele disse, com o rosto inexpressivo. — E você?

— Medicina na UFRJ — Miguel respondeu, encarando os próprios pés.

— Ele passou em quinto lugar — fiz questão de acrescentar.

Os pais de Miguel sempre trabalharam para meus pais. Crescemos na mesma casa, criados como irmãos. Eu já estava acostumado à timidez dele. Miguel preferia passar despercebido a exhibir seus méritos por aí. No jardim de infância, ele se juntava a mim e ao Leitão no grupo dos excluídos. Agora a psicologia tem nome para o que as crianças de oito anos fazem umas com as outras: *bullying*. Na época, em Pingo, ele era só o lesado, eu era a bichinha e o Leitão era o *Free Willy*. Até a gente se tratava assim.

Miguel sempre foi quieto, ensimesmado, estudioso. Gostava de ler, fazer experiências científicas no quintal e mexer em bichos mortos. Eu ficava ao lado, fascinado com sua intimidade com os mistérios do Universo. Seus pais mal sabiam ler e escrever, mas, contrariando todas as expectativas, ele era genial desde pequeno. Cursar medicina no Rio era o começo da realização do seu sonho de ajudar as pessoas. Enquanto isso, os garotões que nos sacaneavam e paqueravam as menininhas da escola agora ordenhavam vacas, mascavam fumo e eram pais de quatro filhos de mães diferentes em Pingo d'Água. Isso me dava certo orgulho.

Heitor parabenizou Miguel de modo automático e perguntou:

— Cadê os outros dois?

— Ficaram em Pingo até a gente resolver tudo.

O corretor tossiu. Suando e cuspiendo perdigotos, falou da taxa de condomínio, do porteiro vinte e quatro horas e da vaga de garagem.

— Vocês têm carro?

— Um só.

Nossa carroça era um *Verona* 1998 vinho, carinhosamente apelidado de Bukowski. Nós quatro dividíamos a gasolina, o IPVA e as despesas de manutenção. Bukowski era nosso xodó. Apesar de velho e de beber bastante, ainda era capaz de longas aventuras: nosso plano era sair de Pingo com ele dali a um mês e chegar à Cidade Maravilhosa em sete dias, dessa vez para ficar. Sem dúvida, seria uma viagem divertida.

Após visitar todo o apartamento, voltamos à sala. Sentei no sofá, passando os olhos por cada canto daquele lugar perfeito. Com as mãos pressionando os joelhos de tão nervoso, olhei para os outros com um silêncio constrangedor. Havia chegado a hora.

Forjei um tom despreocupado para perguntar:

— Quanto custa o aluguel?

O corretor criou certo suspense: foi buscar o valor exato em sua planilha no celular e... Tudo bem, sei que não devo me gabar do acaso, de conquistas que não são minhas, mas milagrosamente o valor estava dentro do nosso orçamento. Ele explicou que os proprietários tinham pressa em alugar porque haviam sido transferidos a trabalho, precisavam viajar e queriam deixar tudo já acertado e assinado. Mesmo nas nuvens, tentei não demonstrar minha euforia. Engoli o sorriso para dizer:

— Ótimo.

— Vocês precisam depositar três meses de aluguel ou apresentar fiador.

— Vou depositar a caução — minha mãe se apressou em dizer.

Sei que deveria tê-la contrariado. Nenhum de seus favores vinha de graça. Começar a vida no Rio de Janeiro com uma muleta daquelas não podia ser bom. Ainda assim, cedi. Queria muito ficar naquele apartamento incrível. Enviei um torpedo ao Leitão e ao Hugo avisando que tínhamos encontrado o lugar ideal.

Naquele momento, eu me sentia um sortudo. Havia um longo caminho pela frente, mas eu tinha dado o primeiro passo rumo a um futuro de sucesso. Conquistaria tudo o que havia para conquistar, seria rico, bem-sucedido e independente. Adeus, sociedade rural e preconceituosa! Adeus, mãe e suas indiretas! Ali, era como se nada pudesse dar errado na minha vida.

Eu não poderia estar mais enganado.

[Carta]

Rio de Janeiro, 22 de março de 2010

Oi mãe, tudo bem?

Finalmente estou no Rio de Janeiro, nem acredito! O apartamento que o Dante e o Miguel escolheram é incrível, é realmente tudo o que disseram por telefone. Meu quarto é o maior, com vista para um hotel chique que tem na outra esquina, todo espelhado. A rua é a Ministro Viveiros de Castro, tem um monte de árvores e pouco movimento, parece até Pingo, mesmo em Copacabana. A estação de metrô mais próxima é a Cardeal Arcoverde, a duas quadras. Enquanto a faculdade não começa, estou aproveitando para descer nas estações e conhecer a cidade. Fui ao Cristo Redentor, claro. E orei pela senhora, pela bispa Lygia e por toda a comunidade da Universal do Senhor Crucificado.

Descobri uma igreja aqui perto de casa também, com cultos às terças e quintas, e estou pensando em congregar com eles. Comentei com o pastor daqui (o nome dele é Sérgio) que a senhora é diaconisa junto com a bispa Lygia, e ele ficou muito animado, disse que adora ela também. Depois do culto, ele me chamou para conhecer sua casa e me mostrou sua coleção de DVDs. Tinha uns quatro da bispa, inclusive aquele *show* em Salvador, que é mais difícil de achar. Ouvimos os DVDs e cantamos *O ungião do Pai e Senhor, vem me abençoar* e outras menos conhecidas, como

Louvor ao Glorioso, Quantas bênçãos conquistei e Cura-me, ó Senhor Deus. O pastor Sérgio é mesmo fã da bispa Lygia.

Fiz minha matrícula na faculdade esta semana também. A PUC é muito bonita, parece coisa de cinema, com uns bancos a céu aberto, área verde, uma galera conversando e discutindo projetos. Tive um pequeno estresse com a entrega dos documentos. É incrível a papelada que a gente precisa apresentar. De todo modo, agora sou oficialmente um estudante do curso de Ciência da Computação da PUC do Rio de Janeiro, com muito orgulho, sim, senhora.

Aqui tem tudo perto (até mais perto que em Pingo): mercado, lanchonete, floricultura, manicure, LAN house, padaria, curso de dança e umas três academias. Sei que você deve estar preocupada com meu peso, por isso vai ficar feliz em saber que me matriculei na Intelligent Fit. Eles têm um programa legal para pessoas como eu, com acompanhamento de professores e tudo mais. O instrutor montou uma série de exercícios para mim, com muito aeróbico e alguma musculação para ajudar a perder gordura. Fui ontem, fui hoje, devo ir amanhã. E parece que às quintas-feiras rola uma feira de rua aqui perto, na Ronald de Carvalho. Pretendo comprar frutas e verduras por lá. Minha ideia é cortar de vez refrigerante, chocolate e fritura e ficar só no suco. Vai me ajudar a ter uma vida mais saudável. E a senhora vai ficar orgulhosa quando vier me visitar. Um filho graduando e magro. Pode ser melhor?

Junto com a carta, estou mandando um postal daqui da cidade, com Cristo de braços abertos.

Deus te abençoe.

Beijos do Leitão

Cora

1

Cinco anos passam rápido. Quando abri os olhos, já era final de 2014, o Brasil havia perdido para a Alemanha na Copa do Mundo, o papa era um argentino, o vírus ebola apavorava países inteiros e eu vestia beca para fazer o discurso de formatura a pais e mães chorosos na plateia, agradecendo «o carinho dos professores e os ensinamentos incomensuráveis que recebemos ao longo do curso». A verdade é que a faculdade não foi nenhuma maravilha. A UERJ era longe (quase uma hora de metrô), tinha estrutura precária, muitas greves e professores que faltavam com frequência. Com o tempo, comecei a faltar também.

Minha vida havia mudado bem menos do que eu gostaria. Eu continuava a ter relacionamentos breves e morava no mesmo apartamento, dividindo as despesas com meus três amigos, o Bukowski estava nas últimas e minha mãe insistia em se intrometer na nossa rotina. Mesmo à distância, ela enviava mensagens diárias no WhatsApp (bons-dias coloridos, *Ursinhos Carinhosos* e frases motivadoras), ligava duas vezes na semana e me visitava a cada trimestre. Se você nunca viveu isso, não sabe o verdadeiro significado da palavra *inconveniência*.

Sem dúvida, morar no Rio de Janeiro era melhor do que morar em Pingo d'Água. Mas eu não podia dizer que estava *feliz*. *Decepcionado* talvez

fosse mais preciso. Eu tinha um diploma e havia perdido o sotaque. Uma vez formado, esperava trabalhar numa empresa sólida, juntar dinheiro suficiente para capitalizar meu próprio negócio e conseguir a realização profissional antes dos trinta. O sucesso só faz sentido quando se é jovem.

Certa vez, num banheiro público, havia um poema:

«*Algo que não está nos livros*

É que vaginas peidam.»

Muita coisa não estava nos livros. Além das obras técnicas, sempre gostei de autoajuda, histórias reais de quem venceu na vida. Li *Homens sábios e poderosos*, *Aprenda a ser bem-sucedido diante de qualquer situação*, *Para um homem de sucesso* e *Os segredos dos homens mais ricos do mundo*. Não havia nada sobre ser jovem e formado em administração. Nada sobre buscar emprego na sua área e não conseguir. Nada sobre ser ignorado.

Se você não é rico, não tem nada. Isso os livros não dizem. Se seu pai não é dono de um negócio, você não tem nada. Outra coisa que os livros não dizem. Se você não tem quem te indique, você não tem nada. Nem isso os livros dizem.

Li *As cinco características do empresário de sucesso* e descobri que elas são: perseverança, visão estratégica, foco, persuasão e autoconhecimento. Eu era perseverante, estratégico, focado e persuasivo. Mantive um diário por anos, fiz alguns investimentos só para praticar, estudei teorias e casos de *startups*, conversei com especialistas na área digital. O que quero dizer é que eu não era um moleque, estava preparado para o mercado. Mas, quando me formei, havia pouca oferta de emprego e a maioria das vagas era ocupada por engenheiros de produção. «É a crise», meus amigos diziam, em tom de consolo. Estavam tão fodidos quanto eu.

Hugo havia terminado a faculdade de gastronomia em 2013 se achando um verdadeiro chef, mas também era um zé-ninguém. Vivia pulando de restaurante em restaurante, ganhando uma mixaria como assistente de cozinha. Ele tinha talento de sobra, era um artista nato: em 2011, havia passado seis meses em Paris com uma bolsa no Centre de Formation d'Alain Ducasse (o que fez as contas do apartamento pesarem significativamente mais na época), mas seu ego inflado o afastava

das pessoas. A menos que fosse o novo Alex Atala, Hugo ainda limparia muito chão, engoliria sapo e suaria diante da boca do fogão por um bom tempo. Focado, persuasivo e perseverante, mas nada estratégico.

Miguel fazia residência em um hospital público nos cafundós do Rio de Janeiro. Vivia com o Bukowski pra lá e pra cá. Mal aparecia em casa, mal tomava banho, mal se alimentava, mal encontrava Rachel, a namorada insuportável que ele havia conhecido no início da faculdade. Nas poucas vezes em que eu o encontrava, Miguel parecia exausto e realizado ao mesmo tempo. Estratégico, focado e perseverante, mas nada persuasivo.

Por fim, o Leitão. Ele não se formou e passava o dia na cama reforçada, especial para obesos, mexendo na Internet e comendo coxinha e biscoitos salgados. Nasceu gordo, feliz e acomodado. Não era persuasivo nem estratégico nem focado, muito menos perseverante.

Meus amigos estavam fadados ao fracasso, e eu seguia pelo mesmo caminho. Tinha um emprego em uma livraria do Leblon e deveria estar feliz com isso. Gostava de livros e do ambiente, mas a verdade era que os clientes em geral me irritavam, todos desinformados ou distraídos. Chegavam querendo «aquele livro com um anão na capa» ou «aquele outro cheio de sangue nas páginas», mas não sabiam o título, a editora ou o autor. Esperavam que eu fosse mágico, não livreiro. Vinham com intermináveis listas escolares, compravam livros de colorir e pediam indicações de presente para a tia velha chata que faria aniversário e cujo gosto desconheciam completamente.

Trabalhar em livraria era um desvio nos planos, e sempre odiei desvios. Além disso, não ganhava um salário digno. Não tinha mudado de cidade, estudado e me dedicado feito um desgraçado para não ganhar bem. Eu devia meter a cara nas apostilas até passar em um concurso público e conseguir estabilidade. Havia mandado currículos para empresas, estudava de madrugada para editais específicos e, na medida da minha paciência, esperava alguma coisa boa acontecer.

Vai melhorar, uma voz interna me dizia. Insista, se dedique, estude e vai melhorar!

Eu insisti, me dediquei e estudei.

Voz mentirosa do caralho!

2

Quando você vai morar com seus melhores amigos e passa a olhar para a cara deles todos os dias, descobre que a experiência não é tão agradável quanto havia imaginado. Não é fácil manter uma convivência pacífica com quem rouba sua comida da geladeira durante a madrugada, deixa louça acumulada na pia, encharca o banheiro, mija na tábua da privada e não limpa. O Leitão era o maior responsável pelas brigas no apartamento. Ao longo dos anos, tivemos muitas discussões e cheguei a ficar um tempo sem falar com ele. Depois, desisti. O gordo era incorrigível, um preguiçoso sem vergonha, mas fazer o quê? Era meu amigo.

Em 2010, quando viemos para o Rio, Leitão pesava cento e doze quilos. Em 2014, já estava com cento e setenta e um, e suas pernas pesavam mais que duas crianças. Para mantê-lo vivo, suas artérias trabalhavam como chineses em fábricas de tênis. Seu corpo era cheio de dobras; a pele tinha irritações, brotoejas, assaduras e acne em lugares inalcançáveis. Seus peitos eram maiores do que os de uma ama de leite africana e seu pau parecia um amendoim torrado — sim, infelizmente eu já tinha visto o Leitão pelado algumas vezes; ele tinha o péssimo hábito de andar sem roupa pela casa e de cagar com a porta aberta.

Leitão havia desistido da faculdade de ciência da computação no segundo ano porque não suportava essa coisa de calendário, provas e cobranças. Ter obrigações não combinava com ele. Queria ser um homem livre, mesmo com cento e setenta e um quilos. Enquanto estudávamos e trabalhávamos, ele jogava video game, fazia maratonas de *Star Wars* e via seriados completos no Netflix. Tinha também um fetiche: passava o dia com fones de ouvido escutando filmes pornô. Gostava das mulheres gemendo, dos gritos agudos enquanto faziam sexo. Gabava-se de saber diferenciar loiras, negras e morenas só pelo orgasmo. Segundo ele, as japas gemiam dois tons acima de qualquer ocidental.

Era também um rapaz religioso. Quando conhecia alguém, logo contava que vinha de família evangélica. Gostava de cantar *gospel* e até escutava de vez em quando, nos intervalos dos áudios pornô. Sua religião não impedia que ele ganhasse a vida do seu jeito. Vivia de pequenos golpes na Internet: vendia produtos inexistentes e remédios

falsificados para velhinhas com câncer, enganava trouxas com serviços fantasmas, invadia computadores e realizava transferências *on-line* de contas desprotegidas. Ganhava bastante em *bitcoins*. Quando descobrimos essas atividades ilícitas, ficamos putos. Tudo o que não precisávamos naquele momento era ter problemas com a polícia. Mas o Leitão era divertido, sabia seduzir, e nos garantiu que não fazia nada demais e que seus trambiques eram seguros e discretos.

Naquele mundinho que era seu quarto, ele não economizava em nada. Isso era para os magros, os saudáveis, com anos pela frente. Leitão gastava. Incorporava o clichê dos gordos muito gordos e adorava McDonald's, Burguer King, Bob's e KFC. Com *cheddar* e *bacon*. E mais *cheddar*. E mais *bacon*. Curtia também culinária tailandesa, alemã, chinesa, japonesa, peruana, italiana e brasileira. Era o tipo de pessoa para quem comer não era necessidade, mas prazer, programação, razão de vida. Para ele, o *delivery* era a maior invenção do século XX. E pedir pela Internet era a maior invenção do século XXI.

Leitão fazia questão de me pagar (vinte reais) só para deixar suas cartas no correio toda semana. Pagava também a um moleque que entregava maconha em casa. Saía muito pouco, só para bares, onde comia e bebia feito um búfalo. De resto, levava uma vida *on-line*, na engorda.

Para coroar, seu sobrenome era Leitão. Uma piada pronta.

Em mim, ele despertava um misto de sensações, algo entre piedade e indignação, passando por afeto e preocupação. Foi numa segunda-feira, 15 de setembro de 2014, que Hugo e Miguel entraram juntos no meu quarto, com um «assunto importante a tratar». Eu estava sentado na minha cadeira com rodinhas diante do computador, assistindo a *teds* no YouTube sobre como criar uma empresa financeiramente saudável, enquanto devorava uma fatia de pizza velha que ficara esquecida na geladeira.

— Que foi? — perguntei, pausando o vídeo.

— Segunda que vem é aniversário do Leitão. A gente precisa decidir o que vai dar de presente pra ele.

Todo setembro era a mesma coisa: Leitão comemorava cada ano de vida como uma vitória. A gente sempre se juntava para comprar algo

legal para ele, normalmente, *Blu-rays* de filmes *nerds*. Dessa vez, sugeri um peixe, um hamster ou um papagaio. Ele ficava sozinho o dia todo.

— É que este ano a gente quer dar uma coisa especial pro gordo...

— Hugo disse, trocando olhares com Miguel, enquanto mascava um chiclete irritante com a boca aberta. Logo entendi que eles já tinham outros planos. — É que... assim... Eu tava pensando... Qual é o maior prazer do homem no mundo?

Fiquei em silêncio e, percebendo que ele esperava meu palpite, girei os olhos, impaciente:

— Qual?

— Comer bem, cara! O maior prazer do homem é comer bem, seja comida, seja mulher — Hugo disse. — Vamos combinar que o Leitão não é exatamente virtuoso em nenhuma das duas coisas, né? Ele só gosta de comer comida ruim, *fast-food*. E quanto às mulheres... Bem, ele ainda não teve chance de provar nenhuma.

— O que você tá sugerindo?

Hugo abriu seu melhor sorriso:

— Vamos contratar uma puta pra ele!

Desde que tinha ficado solteiro, Hugo só pensava em sexo. Seu lado machista babaca crescia cada dia mais e não adiantava discutir com ele. Hugo era o rei do vale dos heterossexuais, um cara abençoado pela genética, com olhos verdes herdados da bisavó e cabelos compridos cor de mel (em geral, presos por elástico num coque ou cobertos por uma touca). As mulheres caíam facilmente em sua conversa, e não era difícil entender o motivo, já que ele era um chef de cozinha macho alfa, mal-humorado, musculoso, cheio de tatuagens, *piercings* e alargadores nas orelhas. Mas, assim como Hugo não durava muito em nenhum emprego, não segurava nenhuma namorada: suas ideias e seu desprezo pelo mundo incomodavam demais. Ele tratava as mulheres como um prato de comida. Enjoava delas depois de algum tempo.

Sempre tive a impressão de que Hugo era aquele tipo de pessoa que, se eu tivesse conhecido um pouco mais velho, acabaria odiando. Mas éramos amigos desde a escola, quando nossas diferenças ainda não pareciam tão gritantes. O tempo nos tornou diametralmente opostos, mas a amizade continuou ali, como um *status* estabelecido.

— Sou contra — eu disse. — Contratar uma garota de programa deve custar uma fortuna.

— E daí? — Hugo disse, com seu tom não-ligo-pro-resto-do-mundo.

— Não sei se você tem noção, mas a gente tá na merda!

Aproveitei para refrescar a memória dos dois. A cada dia, tudo ficava mais caro. Depois de tantos reajustes, o aluguel do apartamento tinha praticamente dobrado desde 2010. Vivíamos nos equilibrando na corda bamba para continuar ali, e eu não gostava nem um pouco da ideia de mudar para um lugar pior. Era como admitir meu fracasso.

— Melhor economizar em vez de gastar dinheiro com uma trepada de aniversário.

— Qual é, cara? — Hugo disse, dando um soquinho no meu ombro. Ele sabia que eu odiava soquinhos e fazia isso para me provocar. — Nosso Leitãozinho vai fazer vinte e três anos e tá na cara que é virgem. Gordo daquele jeito, não vai comer ninguém tão cedo. É nossa responsabilidade conseguir uma mulher pra ele. Porra, aqui é Copacabana!

Eu também tinha certeza de que Leitão era virgem. Mas ele era feliz assim, escutando seus filmes pornôs e jogando MMORPG e FPS. Para que colocar mais coisas em sua cabeça perturbada? Além disso, seria uma tarefa complicada convencer uma mulher a ir para a cama com um sujeito de quase duzentos quilos, ainda que fosse uma profissional.

— Sinto muito, galera, estou sem dinheiro — falei, dando o assunto por encerrado.

Coloquei os fones de ouvido e dei o *play* no vídeo. Ainda no mesmo lugar, Hugo falou qualquer coisa para Miguel que não escutei e então desplugou meus fones do computador.

— Já tenho a solução, pão-duro. A gente entende que você ganha mal apesar de se foder todo dia naquela livraria, mas não tem problema. A gente entra com a grana e você encontra a garota.

Às vezes, a naturalidade com que Hugo dizia coisas ofensivas era espantosa. Não era maldade, só falta de noção mesmo. Pior que, dessa vez, Miguel estava do lado dele. Logo Miguel, o sujeito mais pai de família que havia na face da Terra, que nunca havia traído ninguém, namorava a mesma mulher há anos e provavelmente casaria e teria filhos com ela.

— Isso não está certo — eu disse, quase implorando para que desistissem daquela ideia.

Hugo enfiou a mão no bolso do *jeans* surrado e pegou a carteira. Jogou cinco notas de cem sobre a mesa:

— A gente tem mais dinheiro, você tem mais tempo. O Leitão nunca cheirou uma boceta. Vai sair todo mundo feliz nessa história.

Talvez eu fosse menos persuasivo do que pensava.

3

No dia seguinte, eu me sentia patético. Tinha que entrar no trabalho no fim da tarde e havia planejado estudar pela manhã com foco no edital de um cargo público que abriria dali a alguns meses. No entanto, continuava na cama, de cueca, com o ar-condicionado ligado, revezando entre mexer no meu Tinder e procurar prostitutas para um obeso mórbido.

Acessei sites de garotas de programa no Rio de Janeiro. Rio Dream, Vip Gold RJ, Garota Safada, Pin Up Rio. *Você tem mais tempo*, Hugo disse. Aparentemente eu tinha mesmo. Anabelle Mulata, Gaúcha Abusada, Sulamita, Sheron, Tuliane, Micaella, Capitu, Ana Kelly, Paola, Shana e Mel. Achei que a Gaúcha Abusada dava jogo. Sexo oral inesquecível, vaginal, bom papo e massagens. Beijo: sim. Sexo anal: não. Homens, mulheres e casais. Aceita cartão. Liguei, expliquei a situação, ela desligou na minha cara. Gaúcha Abusada, mas nem tanto.

Tentei outra: Loira Sensacional. Altura: um metro e sessenta e oito. Peso: cinquenta e sete quilos. Na cama sou assim: assanhada. Realizo fantasias. Tenho brinquedos. *Hobby*: malhar. Comida: japonesa. Música: eletrônica. Filmes: *Marley e eu*. Livros: *Marley e eu*. Também desligou na minha cara. Tentei a Mulata Fogosa, a Chinesa Discreta, a dupla Milla e Camilla. Estilo namoradinha. Cachê a combinar, táxi à parte. Desligaram. Revirei o cardápio de mulheres e comecei a me dar conta de que elas eram como eu. Muitas deviam ser formadas em administração e *marketing*. Kotler e Keller para putas.

Segui a lista. Dominatrix: experiência em podolatria, inversão de papéis, chuva de prata, chuva dourada, *fisting*, *tit torture*, CBT, *spanking dogplay*. O Leitão ia pirar de vez. Preferi não ligar. Cora Poeta. Idade:

vinte e três. Altura: um metro e setenta e sete. Peso: sessenta quilos. Comida: todas. Livros: poesia. Música: Alceu Valença. Na cama sou assim: custosa. Telefonei.

— Quem é? — ela atendeu, como se interrompida no meio de algo muito importante. Tinha uma voz grave, dominadora mas agradável, feito uma cantora de cabaré. Ao fundo, barulho de trânsito.

— Vi seu anúncio e gostaria de contratar você.

— Pra agora?

— Semana que vem. Dia 22.

Era como marcar uma consulta médica. Aceita Golden Cross?

— Escuta, a situação é um pouco delicada — eu disse. Já estava tão cansado de ter mulheres desligando na minha cara que até pensei em omitir a obesidade do Leitão. Desisti. Seria uma puta sacanagem com a puta.

— Onde você tá agora?

— Copa.

— Eu também. Pode me encontrar? — insisti. — Prefiro falar pessoalmente.

— Você paga o almoço?

Olhei o relógio. Já passava do meio-dia. Eu tinha que comer qualquer coisa rápida, mudar de roupa e entrar às três da tarde na livraria.

— Pago.

Marcamos para dali a trinta minutos no posto dois.

4

Cheguei e ela já estava lá, a mesma mulher da foto, só que vestida, os peitões guardados na blusa apertada, sem tarja nos olhos. Fumava um cigarro, sentada em um banco do calçadão, voltada para o mar, de pernas cruzadas e costas eretas. Ventava bastante e havia pouca gente na ciclovia.

Atravessei a faixa e encostei de leve em seu ombro. Ela ficou de pé (era dois palmos mais alta que eu). Quando apertamos as mãos, me arranhou sutilmente com as unhas compridas, talvez postiças, pintadas

de vermelho-sangue. Estava maquiada e vestia uma roupa colorida de ginástica: blusa vermelha fluorescente e calça *legging* de *lycra* estampada brilhante. Era incrivelmente bonita, com a pele morena e os cabelos muito escuros caindo cacheados quase até a cintura. Tinha o rosto quadrado, com queixo proeminente, nariz curto e lábios carnosos que mantinham o cigarro preso à boca. Seu perfume era um misto de hortelã e Neutrox.

— Tá com fome? Eu tô morrendo — ela disse.

Amassou o cigarro com seu tênis de corrida cor-de-rosa e me pegou pelo braço, como se fôssemos íntimos. Havia algo no seu jeito de andar, na maneira como inclinava a cabeça e me devorava com os olhos. Sem trocar mais nenhuma palavra, caminhamos quatro quadras. Eu não sabia por onde começar, mas ela devia estar acostumada a clientes que falavam pouco. Escolhemos o Galeto Sat's, no início da Barata Ribeiro. Sem olhar o cardápio, ela pediu galeto, farofa de ovos, arroz com brócolis e coca zero.

Então, sorriu para mim:

— Dante... Gosto do seu nome.

— Obrigado. Também gosto do seu.

— Amo meu nome. Vem da Cora Coralina, que é lá da minha terra. Conhece?

— Conheço.

Ela inspirou fundo e fechou os olhos, como uma atriz que se prepara para entrar no palco.

— *Vive dentro de mim uma cabocla velha, de mau-olhado, acocorada ao pé do borralho, olhando para o fogo* — declamou com sotaque marcado, movendo os braços na minha direção, como uma pombajira. — *Benze quebranto. Bota feitiço... Ogum. Orixá. Macumba, terreiro. Ogã, pai de santo...* Essa poesia é dela. A Cora foi poeta, eu sou puta. É quase a mesma coisa. Seduzimos com poucas palavras.

Devolvi o sorriso e olhei para o garçom que trazia os refrigerantes. Cora ergueu seu copo.

— O serviço não é pra você, né?

— Sou *gay*.

— Isso eu reparei quando você chegou. Mas sei lá... Já me apareceu de tudo. Velho, velha, padre, ministro. Teve uma travesti que queria ir pra cama comigo.

— O serviço não é pra mim.

— Pena, te achei gatinho.

Não sabia se devia agradecer. Fiquei quieto.

— Você tem problema com isso? — ela perguntou.

— Com quê?

— Com ser *gay*.

— Nenhum. Meus pais sabem, meus amigos sabem. Todos encaram na boa. Por que a pergunta?

— É que você tá bem desconfortável — ela disse, então apertou minhas mãos e puxou meus dedos um a um, como se já nos conhecêssemos há anos. — Olha, eu não mordo. A menos que você pague muito bem por isso.

— Desculpa. — Eu não queria que ela se sentisse indesejada e fiz o enorme esforço de parecer à vontade. — O serviço é pra um amigo que faz aniversário na segunda. Tenho quase certeza de que ele é virgem.

O garçom trouxe a comida e perdi a atenção de Cora para o galeto. Vi como ela baixou o rosto, projetando as narinas para sentir o cheiro do prato ao mesmo tempo em que abria um sorriso de satisfação. Sem demora, se serviu de fartas porções de arroz e farofa, e me perguntou se podia ficar com as coxas do frango.

— Pode, claro.

— Você é um anjinho — ela disse, soltando a colher para apertar minha bochecha. Ofereceu-se para me servir também.

— Já está bom, obrigado.

Cora comia bem mais do que eu. Deixou o prato diante de mim e desembulhou os talheres.

— Quantos anos tem seu amigo?

— Vinte e três.

— Virgem nessa idade? Ele não é *gay* também?

Imaginar o Leitão na cama com outro homem — o.k., na cama comigo — revolveu meu estômago.

— Não — respondi, dando a primeira garfada.

Cora não pediu mais explicações. Não queria saber por que ele era virgem; não queria saber que ele pesava quase duzentos quilos; não queria saber que ninguém era louco de fazer sexo com aquela massa enorme de gordura e carne. Como uma predestinada ao apetite voraz, ela se inclinou sobre o prato e escancarou a boca, se atracando com o galeto sem medo de ser feliz. Quando as guarnições terminaram, deixou os talheres de lado, pegando as coxas de frango com as mãos.

— Tá delicioso, não tá? — disse, arrancando pedaços com os dentes e chupando os ossos para garantir que não restava nenhuma carne. — É engraçado... Eu trabalhava num matadouro em Goiás. Meu pai era caseiro numa fazenda. Cresci dando machadada, dessangrando, desossando, essas coisas... Já cortei mais boi do que trepei com gente, só pra você ter noção. Mas nunca matei galinha, acredita? Não sei por quê, nunca tive coragem. Galinha pra mim é diferente. Fico com pena.

— Mas não deixa de comer por isso...

— Claro que não. É gostoso. Fui criada com galinhada. Aqui no Brasil a gente come vaca, mas não come cavalo. Na França, eles comem cavalo, mas não comem cachorro. E sabia que na Índia eles comem cachorro, mas não comem vaca? Cada um na sua. A verdade é que comer carne é bom demais.

Cora terminou de roer o último osso e o jogou no prato. Ainda restava um pouco de arroz e farofa, mas a fome havia acabado. Limpou as mãos num guardanapo. Seus lábios brilhavam com a gordura do galeto e os olhos castanhos me encaravam mais vivos, revigorados pela refeição.

— Sabe, eu entendo a treta — ela disse. — Essa coisa de virgindade é complicada. Marca a vida da pessoa. Perdi a minha aos doze, com meu pai. Ele me ensinou tudo. Foi importante, porque era alguém em quem eu confiava. Qual é o nome do seu amigo?

Tentei disfarçar o incômodo com a despreensão dela ao falar absurdos. Mantive o foco:

— A gente chama de Leitão, que é sobrenome.

— Matei muitos leitões lá na fazenda com meu pai. Bicho ruim de morrer, grita demais. Aquilo não era vida pra mim, não. Ninguém

consegue melhorar de vida no cerrado. Vim pro Rio fazer meu pé de meia. Te falei que quero ser poeta feito a Cora Coralina? Escrevo meus versinhos de vez em quando.

— Você aceita?

— Tirar a virgindade dele? — ela perguntou, enfiando uma bala na boca. Era como se nunca parasse de mastigar. — Qual é a parada? Tô sentindo que tem mais coisa. Ele é anão, pernetta, caolho?

— É gordo.

— Gordo quanto?

— Muito gordo.

— Tipo?

— Uns cento e tanto.

Sabia que ela ia desistir naquele instante. Cora apoiou os cotovelos na mesa, aproximando o rosto do meu. Fazia movimentos com a língua, de modo que a bala martelava os dentes. Tinha hálito de *Halls* preto e de alho frito.

— Olha, Dante, vou te falar, prostituta é que nem pizza. Tem *delivery*, tem *à la carte*, tem rodízio. Se é meio a meio, você paga pelo sabor mais caro. Puta de rua é pizza de barraquinha, muita gente come e é mais massuda. Já fui dessas, agora sou chique, com borda de *catupiry*. Pizza pra gordo tem que ser maior, pra matar a vontade. Maior é mais caro.

— Quanto a mais?

— Quinhentos. E não adianta insistir. É que nem pizza mesmo. Você não quer que eu descumpra o acordo e apareça fatiada à francesa, né? Então... Quinhentinhos. É assim que funciona. Pra gordo, quinhentos. Pra gringo, cobro mil. Você sabe quanto custa uma coca-cola na Europa? Vinte reais. Dá pra acreditar? Vinte contos por uma coca?! Por isso, a tabela diferente. Cobro caro dos gringos pra ver se aprendem a não abusar no preço do refrigerante.

— Tudo bem.

Ela sorriu de um jeito infantil. Olhou de relance para o prato vazio e alinhou os talheres:

— O tal Leitão sabe do presente que vai ganhar?

— É surpresa.

— Avisem o coitado. Comprem camisinha, gel e tudo mais. Eu só levo o corpo, o talento e a confiança. Vocês pagam o táxi. Se der algum problema, recebo do mesmo jeito, tá?

Pensei nos 4Ps do *marketing*: produto, preço, praça e promoção. Pensei em *Cinco passos rumo ao sucesso* e *O manual do homem moderno*. Cora era como nós, vinda do interior para ganhar a vida na metrópole. Mas, pelo visto, estava tendo êxito. Ela era perseverante, estratégica, focada, autoconfiante e persuasiva.

— Não vai ter problema — eu disse. — Ele é um cara legal. Tem umas manias religiosas aí, mas só às vezes.

— Não entendo nada dessas coisas. Pra mim, Bíblia é feito catálogo da *Avon*: só abro pra fazer pedido.

Combinamos que ela deveria chegar ao apartamento às cinco da tarde da segunda-feira, quando eu, Miguel e Hugo estaríamos no trabalho. Assim, eles ficariam livres para se divertir por duas horinhas. Cora anotou o endereço e meu número de celular. Paguei a conta com a única nota de cinquenta reais que havia na minha carteira esmirrada. Ela se levantou exuberante, atraindo o olhar de todos no salão, e voltou a me pegar pelo braço como se eu fosse seu cachorrinho. Caminhamos de braços dados até a esquina da Barata Ribeiro com a Prado Júnior, na altura da pastelaria chinesa.

— Seu amigo vai adorar o presentão. Quanto a você, pra compensar o almoço, considere que tem direito a um boquete quando quiser mudar de time.

Cora me deu um beijo no canto da boca e sumiu na direção da praia.